

APONTAMENTOS SOBRE O SISTEMA DE ENSINO COMO MECANISMO DE DOMINAÇÃO

Veronica Yurika Mori¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo abordar o sistema educacional através da perspectiva de Pierre Bourdieu. Este lança uma nova perspectiva de análise do sistema de ensino. Considera-o como meio de conservação social que legitima as desigualdades sociais. Para o autor, a tradição pedagógica se esconde atrás das ideias inquestionáveis de igualdade e universalidade, e os professores não se dão conta de que assumem um discurso de valorização do ethos das elites dominantes, tendo, portanto, como função e objetivo a manutenção e conservação da ordem social, a ordem de classes.

Palavras-chave: condições objetivas, sistema de ensino, educação, êxito, fracasso.

Introdução

O presente artigo tem como proposta fazer apontamentos sobre o sistema de ensino brasileiro através da abordagem teórica de Pierre Bourdieu. O autor coloca novos questionamentos, propondo a renovação do pensamento sociológico sobre as funções e o funcionamento social dos sistemas de ensino nas sociedades modernas, além de visualizar como temática central, os mecanismos e as formas que os agentes utilizam para conhecer e reconhecer suas instituições e sistemas de instituições, ou seja, as relações que os indivíduos inseridos em seus diferentes grupos mantêm com a escola bem como as formas de legitimar e sancionar tais mecanismos de poder.

Bourdieu (1996) diz que as posições dos agentes da sociedade não são substanciais e sim relacionais. O gosto e o estilo de vida como padrão de consumo representam simbolicamente uma estratégia não inteiramente consciente de diferenciação, de acordo com a posição social ocupada. Além disso, as ideias, os valores, as representações, opiniões políticas e concepções variam de acordo com a posição social dos agentes, hierarquizando assim os *habitus* e as posições sociais. Nessa análise sobre as posições sociais e as ações dos agentes a fim de garantir as mesmas, Bourdieu trata o sistema de ensino como uma instituição de reprodução e perpetuação dessa estrutura, pois

¹ Licenciada e mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá – Professora da rede estadual de ensino do Estado do Paraná.

privilegia os *habitus* e as posições sociais dos detentores do *ethos* da elite. É sob essa perspectiva que discutiremos esse trabalho.

Sobre o Capital Cultural

Consideramos que os processos formativos que se desenvolvem na vida



Pierre Bourdieu

familiar são distintos, as famílias não possuem uma estrutura padrão, constituem capitais cultural, social e econômico distintos². Vieram de locais diferentes, possuem padrões de vida diferentes, frequentam locais de ensino e de lazer diferentes, trabalham em locais diferentes, enfim, constituem durante todo o processo formativo um *habitus*³ diferente. Vivemos em uma sociedade dividida em classes e não podemos deixar de levar em conta a origem social de cada indivíduo no processo formativo.

Sob essa perspectiva levantamos a seguinte questão: se a origem social da criança influencia diretamente o seu processo formativo, por que então o sistema de ensino os trata como iguais?

Para responder a essa questão, usaremos a teoria de Pierre Bourdieu (2007) que propõe uma explicação sociológica que poderá esclarecer as diferenças de êxito e fracasso dos indivíduos em sua vida escolar, pois acredita que cada família transmite aos filhos um capital cultural, que é proveniente das diferentes bagagens culturais que os pais carregam, e não só os pais, mas todo o conjunto de membros do convívio familiar. Nesse sentido, o pertencimento a determinada classe social tem influência direta no que se concerne ao êxito

² Bourdieu define o capital cultural existente sob três formas: Estado incorporado: a assimilação, enraizamento, incorporação e durabilidade do capital cultural demandam tempo. É um *habitus*, um capital simbólico; Estado objetivado: nesse estado, o capital cultural aparece na aquisição de bens culturais e está ligado ao capital econômico. Além disso, a aquisição do capital cultural materializado traz também a idéia capital simbólico. Como no caso da aquisição de quadros, esculturas. É preciso capital cultural para valorizar essa aquisição e capital econômico para obtê-la; Estado institucionalizado: capital cultural representado pelo diploma como uma “certidão de competência cultural” (BOURDIEU, 2007, p.74-79).

³ O *habitus* se constitui como um conjunto de disposições construídas “objetivamente”, posto que se trata da interiorização das estruturas objetivas em que o indivíduo e até mesmo sua classe estão enredados, ou seja, o *habitus* é o fio condutor que possibilita o encadeamento das ações como estratégias, apesar de essas ações dos agentes não serem produzidas com uma intenção estratégica de fato (BOURDIEU, 1983, p.61).

escolar, as crianças herdam também “saberes, gostos e bom gosto” (BOURDIEU 2007, p.45) que são atribuídos ao dom natural da criança, sem levar em conta o privilégio cultural que as classes mais altas possuem, pois, capital cultural vem através de práticas culturais, de passeios a museus, visitas a exposições, do convívio com a música, com a literatura, com a arte. Aliado ao capital cultural e ao capital social está também o capital econômico que proporciona melhores e maiores condições de atividades que contribuem para a formação do indivíduo. Não podemos comparar os saberes de uma criança de dez anos que desde a pré-escola frequenta aulas de inglês, dança, natação, uma instituição escolar mais equipada e qualificada, com uma outra criança da mesma idade que não possui sapatos para ir à escola. Para além disto, pressupomos que a primeira criança terá melhores condições de se adequar aos processos de seleção impostos pelo sistema de ensino, é nesse sentido que o autor trata o sistema de ensino como um legitimador das desigualdades e perpetuador da estrutura social, pois este privilegia aqueles que possuem o *ethos* da elite⁴.

Para Bourdieu (2007), o capital cultural é um dos responsáveis pelas desigualdades produzidas no desempenho escolar, ao contrário do que pressupõe o senso comum de que o fracasso escolar está relacionado com aptidões naturais ou ao capital humano, em que economistas

**PARA BOURDIEU, O
CAPITAL CULTURAL É UM
DOS RESPONSÁVEIS PELAS
DESIGUALDADES
PRODUZIDAS NO
DESEMPENHO ESCOLAR.**

asseguram ao sucesso escolar a relação entre o investimento educativo e pelo investimento econômico. O autor faz crítica a essa relação, pois só leva em conta os investimentos monetários e o equivalente em dinheiro do tempo dedicado ao estudo, diz que essa é uma definição funcionalista das funções da educação e ignora a contribuição que o sistema de ensino traz à reprodução da estrutura

⁴ É um termo genérico que designa o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Designa uma espécie de síntese dos costumes de um povo. Sobre o *ethos* da elite, Bourdieu quer dizer que o sistema de ensino privilegia quem possui os costumes, caráter cultural e social da elite. Conjunto de valores que orientam as condutas dos agentes.

social. Não considera que diferentes agentes e diferentes classes possuem chances distintas, considerando as estruturas destinadas a diferentes mercados. Não levam em consideração o que o autor chama de "transmissão doméstica do capital cultural" (BOURDIEU, 2007, p.73). Suas interrogações sobre a relação entre aptidão para os estudos ou o dom são também produtos de um investimento em tempo e em capital cultural. O sucesso escolar depende também do capital cultural oferecido pela família às suas crianças. Além do capital social herdado e devidamente mantido e colocado a seu serviço pelo indivíduo, a bagagem cultural investido pela família deve ser considerada:

Aquilo que a criança herda de um meio cultivado não é somente uma cultura (no sentido objetivo), mas um certo estilo de relação com a cultura que provem precisamente do modo de aquisição dessa cultura. A relação que um indivíduo mantém com as obras da cultura (e a modalidade de todas as suas experiências culturais) é, portanto, mais ou menos "fácil", "brilhante", "natural", "laboriosa", "ádua", "dramática", "tensa", segundo as condições nas quais ele adquiriu sua cultura; a aprendizagem osmótica na família favorecendo uma experiência de "familiaridade" (fonte da ilusão carismática), que a aprendizagem escolar não poderia jamais fornecer completamente. Vê-se, assim, que, ao colocar a ênfase na relação com a cultura e ao valorizar o estilo de relações mais aristocrático (a facilidade e o brilho), a escola favorece os mais favorecidos. (BOURDIEU, pg. 55).

Para Bourdieu (2007), são esses fatores que legitimam e justificam as desigualdades sociais e o que é considerado naturalmente concebido pela ideia do dom nunca foi questionado como uma prática social. Poderíamos argumentar contra essa teoria perguntando sobre o sucesso de algumas crianças menos favorecidas no meio escolar, para responder a isso Bourdieu (2007) diz que a seleção realizada para a inserção no ensino superior considera que esses mesmos estudantes foram condicionados pelos mesmos mecanismos de seleção por quais estudantes mais favorecidos também passaram, considerando que os sistemas seletivos privilegiam a cultura da elite, isso quer dizer que esses estudantes tiveram muito mais trabalho e esforço para a conquista de uma vaga na universidade e se adequaram a essa cultura, enquanto os que sempre estiveram inseridos nesse contexto tem muito mais facilidade.

Interiorização das condições objetivas

Além da importância do capital cultural como determinante dos fatores êxito ou fracasso escolar, há o que o autor classifica como “interiorização do destino objetivamente determinado para o conjunto da categoria social à qual pertencem” (BOURDIEU, pg. 47), nesse pressuposto, são os objetivos da família que definem as aspirações e as exigências excluindo a possibilidade de desejar o impossível, essa necessidade é interiorizada fazendo com que as atitudes dos pais guiem as atitudes dos filhos. O desejo de ascensão social através da formação dos filhos não acontece se não houver chances reais e objetivas.

Para entender a interiorização desse processo objetivo, Bourdieu (2007) descreve a lógica desse mesmo processo ao qual as oportunidades objetivas se transformam em esperanças ou desesperanças subjetivas, isso quer dizer que, o nível de aspiração dos indivíduos depende das probabilidades de conquista do êxito futuro. O contexto social e meio familiar desencoraja as ambições desmedidas. É preciso ser realista e ter esperança em projetos que possam se concretizar. O capital cultural e o ethos combinam e definem condutas e atitudes escolares que atuam como princípio da seleção das crianças das diferentes classes sociais.

Entretanto, é a atividade familiar que determina o prosseguimento dos estudos, ou seja, crianças que já estão desprovidas de mecanismos precisam se esforçar ainda mais para que sejam encorajadas a prosseguirem os estudos. O habitus e a estrutura determinam as relações entre as estruturas objetivas e as disposições desses agentes. As expectativas do mundo estão ligadas diretamente às possibilidades objetivas, ou seja, as potencialidades objetivas aliadas à ideia de vocação, traçam as condições reais de realização de desejos educacionais. Há uma defasagem entre as condições às quais o habitus está ajustado e as condições às quais deve se ajustar, pois o sistema de ensino privilegia a homogeneidade deste através da prática pedagógica e não leva em consideração quem não a possui.

Para Bourdieu (2007), é necessário o mínimo de capital cultural e social para atender as necessidades econômicas, além disso, é preciso disposição e tempo para regular suas práticas em função do futuro, sob a dependência das

chances para tal conquista. Para isso são escolhidas estratégias objetivas. As potencialidades objetivas, aliadas à ideia de vocação traçam as condições de realização de desejos educacionais, e que, infelizmente, tendem a reprodução da estrutura social.

Portanto, as ambições e esperanças dos mais carentes esbarram nas chances e na necessidade de atender as suas necessidades materiais, é por

**AS AMBIÇÕES E
ESPERANÇAS DOS MAIS
CARENTES ESBARRAM NAS
CHANCES E NA
NECESSIDADE DE ATENDER
AS SUAS NECESSIDADES
MATERIAIS.**

isso que filhos das classes economicamente desfavorecidas não se arriscam em profissões que destoe radicalmente das suas chances de êxito, por exemplo, é improvável filho de trabalhadores rurais sonharem com a faculdade de medicina, pois além de tempo é necessário investimento, além de já estarem em desvantagem pela

diferenciação do capital cultural e social que o sistema privilegia, é claro que existem as exceções e são justamente essas exceções que legitimam o sistema de ensino.

O papel da escola

A responsabilidade da escola neste processo estaria na da perpetuação e manutenção das desigualdades sociais, pois, protege os privilégios ao invés de transmiti-los, e para isso, basta que ignore as diferenças culturais entre os alunos e os trate como iguais. Bourdieu (2007) diz que a prática pedagógica serve como máscara que justifica as desigualdades sociais, considerando como dada toda uma construção social e cultural.

Nesse sentido, os professores cultivam o interesse imediatista de preparação para testes seletivos e não há um interesse na cultura geral, no aprofundamento, na reflexão. Como exemplo, podemos constatar isso nas escolas e nos cursos pré-vestibulares que visam aos processos seletivos do sistema educacional brasileiro. Hoje em dia, um bom curso preparatório para

qualquer processo seletivo é aquele que mais possui alunos aprovados, aliás, o próprio processo seletivo tende a beneficiar àqueles que possuem maior capital cultural. Bourdieu (2007), fala que a tradição pedagógica se “esconde atrás das idéias inquestionáveis de igualdade e universalidade” (BOURDIEU, p. 53), e os professores não se dão conta de que assumem um discurso de valorização do ethos da elite, não percebem que tratam diferentemente os alunos de diferentes classes sociais, e que o sistema de ensino transmite e exige uma cultura aristocrática. Exemplifica isso através da linguagem usada por estudantes universitários que é muito diferente da usada habitualmente, e que essa linguagem é o instrumento mais atuante da herança cultural, manifestando-se nas provas orais.

A respeito dos exames escritos e o exercício retórico mais tradicional, para o autor, estes favorecem a exibição de qualidades imponderáveis que demarcam ainda mais os candidatos de origens sociais distintas. Também, como exemplo, podemos citar a própria disposição dos alunos em sala de aula, aqueles que são considerados os “cdf” e com notas boas sentam-se na frente e aqueles que são bagunceiros e possuem notas ruins ou não tão boas sentam-se no “fundão”, tornando assim, mais próximo o contato do professor com aquele que “se interessa” pela aula:

Obrigados em pelas sanções negativas da Escola a renunciar às aspirações escolares e sociais que a própria Escola lhes havia inspirado, levam adiante uma, sem convicção, uma escolaridade que sabem não ter futuro...tal resignação exprime-se também pela multiplicação dos sinais de provocação em relação aos professores, como o walkman ligado, algumas vezes, até mesmo na sala de aula, ou as roupas, ostensivamente descuidadas, e muitas vezes exibindo o nome dos grupos de rock da moda, escritos com caneta esferográfica ou com feltro, que desejam lembrar, dentro da Escola, que a verdadeira vida encontra-se fora dela. (BOURDIEU, p.224).

Realizando uma transposição das reflexões de Pierre Bourdieu para o contexto social brasileiro, recorremos a um dos intelectuais brasileiros que discute a problemática citada acima, Florestan Fernandes (1997), para quem o sistema escolar brasileiro não assimila as necessidades práticas da sociedade. Na opinião de Florestan Fernandes o sistema escolar deveria servir de

instrumento para maximizar o aproveitamento da natureza e das práticas sociais pelo homem.

Dessa maneira, a escola passa a ser vista pela sociedade como um bem secundário, possuindo o caráter de um processo dado em si mesmo, que não implica modificação e nem organização para o indivíduo, suas relações sociais ou sua relação com o meio físico. Quem define o valor social da educação é o homem. Além disto, Florestan nos fala do valor do ensino como algo determinado historicamente. Desde a implantação da República o sentido valorativo do estudo é essencialmente um símbolo de status. “Ser ou não ser instruído equivalia a ser ou não ignorante, atrasado e dependente”. Esse discurso ainda paira sobre a sociedade brasileira e hoje essa afirmação também trava combate junto à ideia de ascensão social. Para Bourdieu (2007), essa ascensão social acontece para poucos, e são os poucos que justificam e legitimam esse sistema, pois aliada à ideia do dom e do mérito isso é naturalizado e interiorizado por quem obtém êxito e também por aqueles que fracassam.

Considerações finais

Pensar a educação brasileira sob a perspectiva de que o sistema de ensino tem o papel de manter e perpetuar a estrutura social parece esclarecer a decadência do ensino público e de má qualidade do nosso país. Florestan Fernandes acerta em cheio quando diz que a educação é vista como bem secundário para a sociedade brasileira, mas a teoria de Pierre Bourdieu, elaborada em outro contexto, vai além dessa constatação, pois nos chama a atenção sobre a divisão e manutenção de classes que o sistema de ensino ajuda a construir.

Teorias educacionais que possam trazer alguma transformação social são amplamente discutidas atualmente, mas não é colocada em questão a educação como fomentador das desigualdades sociais, ao contrário disso, muitas vezes é proposta uma educação como instrumento de ascensão social. Não é colocada em cheque a função do sistema de ensino como uma instituição excludente, pois os processos de classificação já possuem seus aprovados desde a mais tenra

idade, e aqueles que superam esses processos são os que mais enfrentam dificuldades para essa conquista.

Bourdieu propõe uma teoria que tem como maior contribuição a desnaturalização de um processo que é considerado dado, sendo justificado pela ideia de que o êxito ou o fracasso escolar provém da vocação dos indivíduos aos estudos. A ideia do êxito escolar como resultado do dom, dos talentos naturais do sujeito, é construída sob um olhar evolucionista, biológico, pois é algo considerado como inato. Vemos isso nos discursos das pessoas, quando dizem “como é inteligente esse menino, puxou ao pai”, ou “esse menino não consegue aprender, é cabeça dura como o pai”, aliado a esse discurso naturalizado e interiorizado pelos indivíduos está o interesse da elite em manter a dominação. O sistema de ensino é um dos maiores, senão o maior, instrumento que ajuda o sistema capitalista nesse processo de legitimação da sociedade dividida em classes.

Portanto, a partir da reflexão e análise do sistema de ensino como um reprodutor e legitimador das desigualdades sociais, como um instrumento de valorização e apreensão do ethos da elite, é que encontraremos caminhos para rearticular esse mesmo sistema para absorver aqueles que estão fadados ao fracasso escolar.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A Produção da Crença, Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos. São Paulo: Zouk, 2006.

_____. Questões de Sociologia. Rio Comprido: Marco Zero Ltda. 1983. p.89-107.

_____. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus. 1996.

FLORESTAN, Fernandes. A Sociologia no Brasil, Contribuição para o Estudo de sua Formação e Desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 105-119.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs) (2007). Pierre Bourdieu. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes.

ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.